

**Parecer sobre o valor histórico e patrimonial  
do Jardim Teófilo Braga do bairro de Campo de Ourique**

---

Susana Maia e Silva

Novembro de 2022

## **Parecer sobre o valor histórico e patrimonial do Jardim Teófilo Braga do bairro de Campo de Ourique**

### **Introdução**

No âmbito do projecto de instalação de uma estação de metro no Jardim Teófilo Braga, no bairro de Campo de Ourique, e do respectivo estaleiro de obra, foi-me solicitada pelo movimento cívico “Salvar o Jardim [metro sim, ma fora do jardim]” na condição de Historiadora, especializada no projecto urbanístico do mencionado bairro, um parecer sobre o valor histórico e patrimonial sobre este espaço verde.

### **O projecto urbanístico do bairro de Campo de Ourique (1878-1958)**

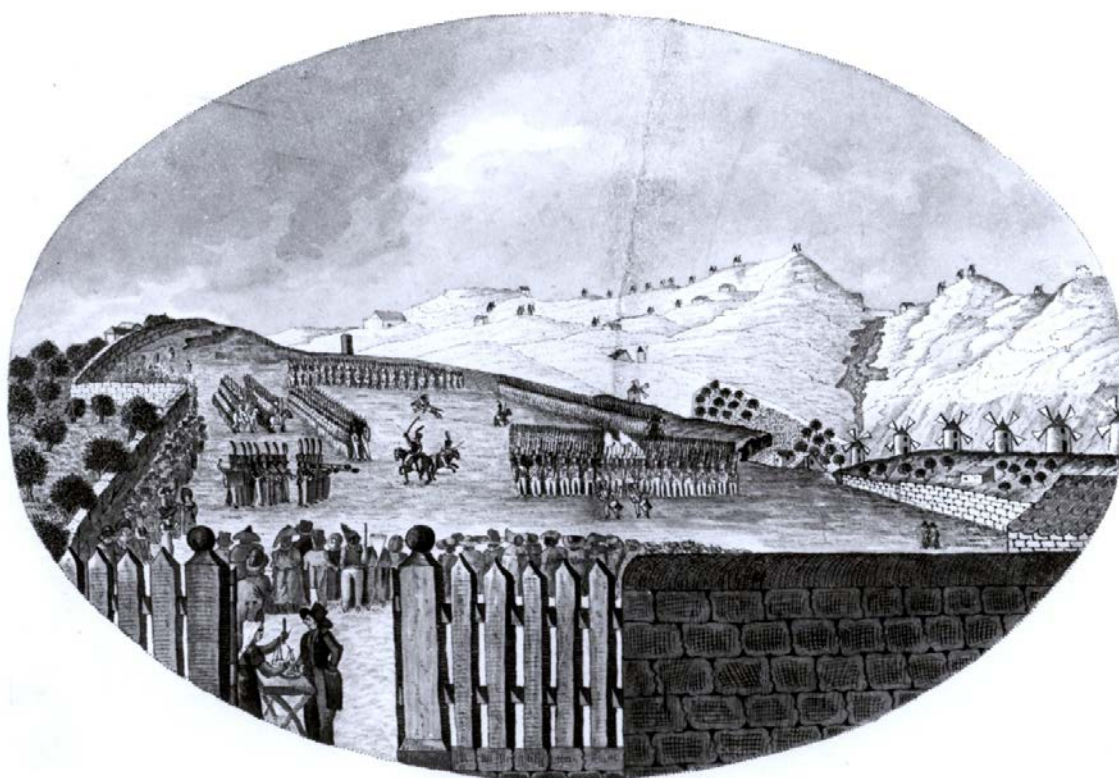
A apreciação sobre o valor histórico e patrimonial do jardim Teófilo Braga pressupõe uma contextualização histórica do objecto em análise, tal como do local/bairro no qual se encontra inserido. Deste modo, apresenta-se de seguida um breve enquadramento sobre a história e evolução do bairro de Campo de Ourique.

O bairro de Campo de Ourique construído no planalto com o mesmo nome, compreende um conjunto de 24 ruas, limitado entre a Rua Maria Pia, a Rua de Campo de Ourique, a Rua Saraiva de Carvalho e a Rua Silva Carvalho, distinguindo-se do pequeno bairro setecentista de Santa Isabel, situado a Nascente. Actualmente o bairro de Campo de Ourique integra-se, na freguesia de Campo de Ourique (2012), herdeira das antigas circunscrições administrativas das freguesias de Santa Isabel (1741) e de Santo Condestável (1934/35).

**O projecto do bairro de Campo de Ourique, aprovado a 15 de Novembro de 1878** constitui uma das primeiras iniciativas do município após quase duas décadas de projectos gorados no âmbito de uma política de expansão e melhoramentos da capital. Até 1878, o Campo de Ourique, um extenso planalto junto ao limite Poente da cidade, era constituído por grandes propriedades agrícolas, pedreiras, saibreiras e barreiros. Nele existiam apenas dois grandes equipamentos: **O Quartel de Campo de Ourique, e o Cemitério Ocidental [ou dos Prazeres].**

**O Quartel** foi erigido no extremo Nordeste do planalto em meados do século XVIII. Contrariamente àquilo que se tem referido, o quartel não foi mandado erigir pelo Conde de Lippe, Marechal-General Wilhelm von Schaumburg-Lippe (1724-1777), no âmbito das medidas de reorganização do exército português, levadas a cabo no reinado de D. José I, mas terá sido sim a partir de **1758/1759**, logo após o terramoto. Este edifício constituiu a primeira grande construção em Campo de Ourique, passando a limitá-lo a Nordeste. A construção de uma estrutura militar implicou a necessária alteração do espaço em redor,

fundamental ao normal funcionamento das suas atividades, muitas vezes impulsionada pelas exigências de cada novo regimento aí aquartelado<sup>1</sup>. A abertura de uma **Parada Militar** enquadra-se nesse âmbito. Definida em inícios do século XIX, a Parada do Quartel fez recuar áreas agricultáveis, pela necessidade de um espaço dedicado ao treino militar, alterando-se desta forma o quotidiano deste espaço que passa também a ser marcado pelos constantes exercícios militares aí efetuados. A Parada militar de Campo de Ourique ocupava uma extensa área, a Poente do aquartelamento, estendendo-se entre a Rua Ferreira Borges, a Rua Tomás da Anunciação, a Rua Pereira e Sousa e a Rua de Infantaria 16, conforme se verifica através de um conjunto de plantas do Levantamento da Cidade de Lisboa, da autoria do Eng.º Filipe Folque, datadas de 1857.



CAMPO DE OURIQUE.

***Campo de Ourique. Aguarela. Autor desconhecido.***

Aspecto do Campo de Ourique na primeira metade do século XIX O destaque na imagem vai naturalmente para a parada militar, uma extensa área, cercada por muro que se situava próximo do quartel. A actividade nesta parada dominava o quotidiano do planalto, a par da actividade agrícola (ML.CML).

---

<sup>1</sup> Para além do Regimento de Minas do Conde do Prado, aí estacionado aproximadamente entre 1762/1763 e posteriormente entre 1800-1801), estiveram aí aquartelados os Regimento de Infantaria 4 (1801-1840), e o de Infantaria 16 (1840-1912), que foi destacado para Campo de Ourique pelo decreto de 31 de Outubro de 1840, que alterou a residência das tropas, tendo o 4 de Infantaria sido transferido para Valença. *Notícia Histórica do Regimento de Infantaria 16*, 1892, p. 14, cit in DINIZ, 2014.

**O Cemitério Ocidental**<sup>2</sup>, ou dos Prazeres, limita o planalto a Sudoeste. Aberto em **1835**, numa das secções da Quinta dos Prazeres<sup>3</sup>, sobranceira ao Vale de Alcântara, veio inaugurar, simultaneamente com o Cemitério Oriental, aberto na Quinta do Varejão, no Alto de São João, um novo modelo de cidade - a *cidade sanitária*, em detrimento da *cidade santuário*<sup>4</sup>.



***Atlas da Carta Topográfica de Lisboa, dir. Filipe Folque, lev. Carlos Pézerat, Francisco Goullard e César Goullard, Plantas nº 24 (3), 25 (4), 32 (5) e 33 (6), 1857 (AH.CML).***

A ideia do planeamento de um bairro no planalto de Campo de Ourique não coube inicialmente à Repartição Técnica Municipal, mas sim a uma firma de construção – Silva, Esteves, Lopes e Comp.<sup>ª</sup>, proprietária de alguns terrenos neste local, que procurava edificar, e em simultâneo urbanizar a sua propriedade, rentabilizando-a. A Repartição Técnica municipal, chefiada pelo Engenheiro Frederico Ressano Garcia desde 1874, reconhecendo as potencialidades da mencionada intenção privada, opta por mandar ampliar o projecto privado, estendendo-o à escala de um bairro. Esta iniciativa constitui-se como um procedimento inédito por parte Município, tal como um ponto de viragem no modo de actuação do mesmo. O controlo da iniciativa privada acabaria por permitir à Câmara controlar todo o processo de urbanização, e em simultâneo materializar um projecto racional, organizado, funcional e moderno, tal como se desejava para uma capital europeia.

<sup>2</sup> VIEIRA, 1999.

<sup>3</sup> SEQUEIRA, 1967, vol. IV: 249.

<sup>4</sup> VIEIRA, 1999: 79.

**É Augusto César dos Santos, um Conductor de Obras Públicas da Repartição Técnica municipal, e não o Engenheiro-Chefe, Frederico Ressano Garcia, o autor do projecto urbanístico do bairro de Campo de Ourique.** Augusto César dos Santos vai optar por redefinir a proposta da firma Silva, Esteves, Lopes e Comp.<sup>3</sup>, aproveitando as suas linhas de orientação, mas projecta um plano mais ambicioso, prevendo a abertura de um conjunto de 8 novas ruas, entre as pré-existentes Rua do Campo da Parada (actual Rua Ferreira Borges) e a Rua do Cemitério Ocidental (troço Sul da Rua Saraiva de Carvalho). Os entrecruzamentos destas ruas formavam 25 quarteirões, nos quais viriam a ser definidos lotes para construção, cuidando-se desta forma de um dos principais componentes desta intenção – o programa habitacional, exclusivamente desenvolvido por particulares.

César dos Santos definia assim uma malha ortogonal, com orientação Norte/Nordeste, respeitando uma série de pré-existências, como a Rua do Campo da Parada e o Quartel de Campo de Ourique – definidos como os limites Nascentes do bairro, a Rua de Campo de Ourique, seu limite Norte, a Rua do Cemitério Ocidental (limite Sul), e a Rua da Piedade (um dos troços da Rua Infancia 16).

O planeamento das ruas e quarteirões baseia-se, tal como no plano de reconstrução da baixa pombalina, em princípios matemáticos ou geométricos, garantindo-se a standardização das ruas, o planeamento de quarteirões de configurações e profundidades semelhantes, e se considerada, uma ampliação uniformizada. No entanto, no programa de César dos Santos, estes princípios são aplicados de forma inovadora, uma vez que, contrariamente ao que acontecia no plano da baixa, verifica-se a necessidade de modelar os elementos urbanísticos (rua, passeio e quarteirão) às características e pré-existências da área a urbanizar. A homogeneidade conferida por este traçado à área a urbanizar, conferia-lhe uma identidade singular, um carácter de «bairro», acabando por se distinguir das zonas circundantes.

O programa de César dos Santos previa uma intervenção urbanística que extravasa os limites dos terrenos firma Silva, Esteves, Lopes e Comp.<sup>3</sup>, tendo sido precisamente o que acabou por acontecer. O bairro de Campo de Ourique, tal como o conhecemos actualmente é fruto de um longo processo de ampliações, até aos limites possíveis (a Rua Maria Pia), continuado até 1958. No total de, além da fase de projecção inicial, contabilizam-se mais 4 fases de ampliação. Este processo moroso explica-se pelas dificuldades financeiras do município e pela morosidade do processo de expropriação, realidade que se repete noutros projectos urbanísticos da capital.

O bairro de Campo de Ourique é um projecto ímpar, sendo o resultado da conjugação de diversos factores: a sua localização, a formação e capacidades do seu autor, a conceptualização-base, as circunstâncias de ordem técnica e legislativa, e as formas de associação entre a Câmara Municipal e empresas particulares no seu planeamento.





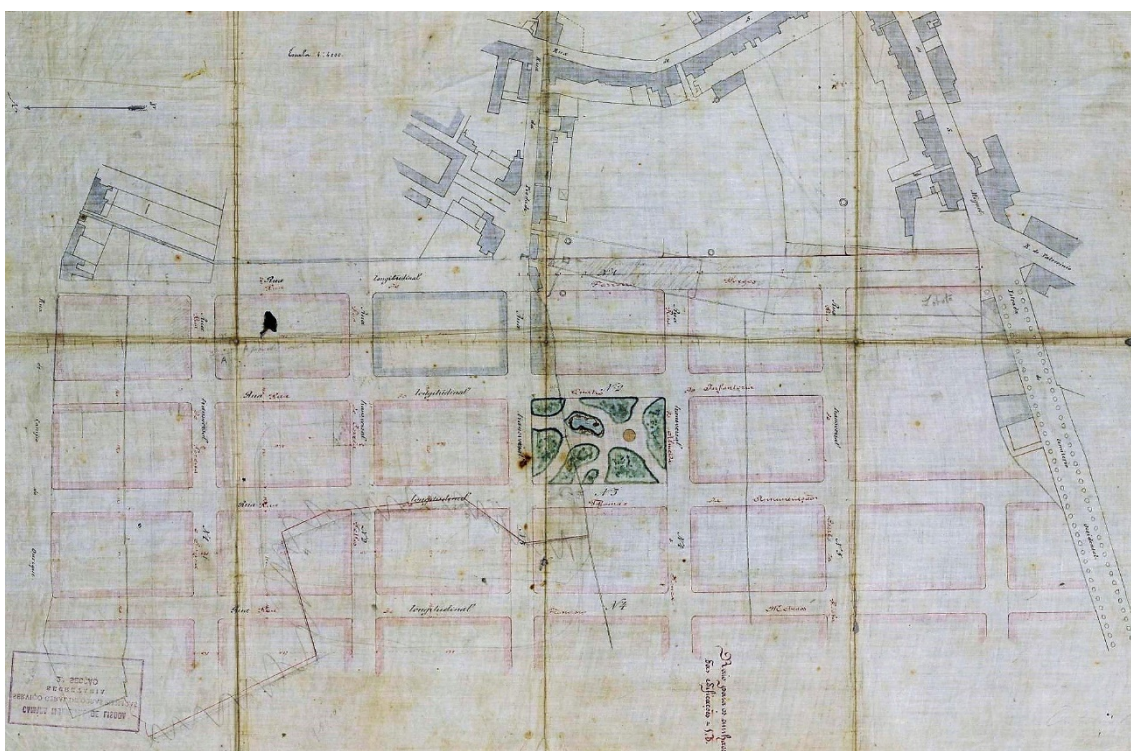
**Planta indicando as novas ruas que devem ser abertas entre as ruas de Campo de Ourique e a do Cemitério Occidental, CML, Rep. Técnica, Augusto César dos Santos e Agnello José Moreira, 15 de Novembro de 1878 (AH.CML).**

## Projeção e plantação do jardim do bairro, em 1880

É no âmbito da primeira ampliação da nova malha urbana - a segunda fase do bairro, datada de 1880, também da autoria do técnico Augusto César dos Santos, que foi projectado o jardim do bairro.

A segunda fase do bairro de Campo de Ourique foi motivado pelo arranque do processo de expropriações e pela aquisição de grandes propriedades como parte da antiga Quinta do Bahuto, na fração pertencente à firma Machado & Irmão. O início deste processo permitirá ao técnico Augusto César dos Santos, autor deste projecto de ampliação, introduzir algumas inovações ao plano-base de 1878 e algumas correções aos alinhamentos definidos no plano-base.

**A principal inovação desta segunda fase será precisamente a projeção de um jardim**, que acabava por valorizar o bairro em diversas vertentes. Definido com a estrutura de um quarteirão (correspondente a 0,39 ha), entre as ruas 4 de Infantaria, Tomás da Anunciação, Infantaria 16 e Almeida e Sousa, não comprometia o modelo urbanístico, nem o esquema de proporcionalidade numérica, surgindo como o ponto de encontro de várias vias, dinamizando-se a circulação no interior do bairro<sup>5</sup>. O novo jardim passava a constituir-se como que o centro do bairro, tornando-se um ponto de referência do mesmo, e a seu tempo, o principal ponto de encontro e local de convivência dos moradores e daqueles que visitavam Campo de Ourique.



**Projecto para dar continuação da rua longitudinal nº1 [Rua Ferreira Borges] do novo bairro a Campo de Ourique, CML, Rep. Técnica, Augusto César dos Santos, chefe de secção, 1880. (AH.CML).**

<sup>5</sup> DINIZ, 2014.

Em termos da conceptualização urbanística, Augusto César dos Santos, parece ter-se inspirado na praça ou Jardim das Amoreiras. Em termos ideológicos o espaço verde nas Amoreiras, promovido por Sebastião José de Carvalho e Melo, Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino, Conde Oeiras e Marquês de Pombal, em nada se assemelha aos pressupostos do(s) jardim(s) novecentista(s), uma vez que o objectivo de Pombal se baseava na promoção da indústria da seda, através da plantação de amoreiras na praça.

O planeamento de um novo espaço verde enquadrava-se na política de melhoramentos da cidade, constituindo um elemento fundamental para a melhoria da qualidade de vida do bairro, e da própria cidade. No centro do bairro, este jardim providenciaria a indispensável renovação de ar no seio de um bairro urbano.

**A projeção deste jardim constituía-se como uma iniciativa pioneira.** Com efeito, o bairro de Campo de Ourique não constitui o primeiro bairro a ser definido na capital no âmbito de uma política de melhoramentos materiais para a capital. Antecedem-no o projeto do bairro do Calvário (1876), **no entanto, nenhum jardim fora definido para esta malha urbana.** Por outro lado, ainda que existissem já, desde o século XVIII, jardins de carácter público na cidade, como o jardim Botânico da Ajuda (1768), ou o Jardim Guerra Junqueiro (vulgo Jardim da Estrela) (1852), e o Jardim França Borges (vulgo Jardim do Príncipe Real) (1853) entre outros, nenhum dos espaços verdes existentes na capital em finais do século XIX fora intencionalmente definido com as características do jardim de Campo de Ourique, o primeiro pensado como o centro de uma malha urbana, promovendo um ambiente salutar no novo bairro, e na cidade.

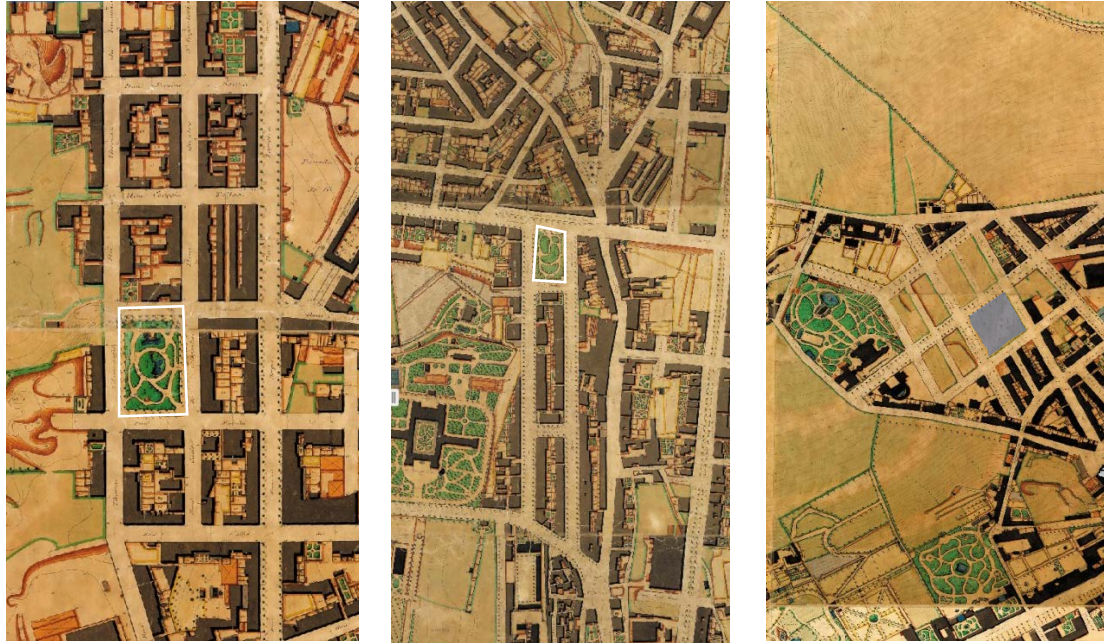
A projeção deste jardim não obedecera apenas a necessidades do foro da higiene e salubridade, mas **reflectia em simultâneo, novos padrões de vida, nos quais que a sociabilização no exterior (rua) passara a ser valorizada.**

Como intenção pioneira, **o jardim do bairro de Campo de Ourique tornou-se inclusivamente referência para a projeção de outros jardins no seio de novos bairros, entretanto projectados.** O jardim do bairro da Estefânia<sup>6</sup>, posteriormente denominado “Jardim Constantino”, foi projectado em 1886, baseado na conceptualização do pioneiro jardim de Campo de Ourique. Também o “Jardim Avelar Botero”, projectado no Alto de Santo Amaro no início do século XX (após 1911), obedeceu a pressupostos idênticos (urbanísticos e paisagísticos) definidos em Campo de Ourique.

---

<sup>6</sup> O bairro da Estefânia foi projectado pela Câmara Municipal de Lisboa em 1880, sendo posterior ao projecto do bairro de Campo de Ourique.





**Representação do jardim do bairro de Campo de Ourique (Teófilo Braga), do jardim do bairro da Estefânia (Jardim Constantino) (identificados a cor branca), e do quarteirão onde foi plantado, após 1911 (e assinalado a cor azul), o jardim do Alto de Santo Amaro (Jardim Avelar Botero), no *Levantamento topográfico de Lisboa levantado e desenhado sob a direcção de Júlio da Silva Pinto*. São notórias as semelhanças entre o projecto do jardim de Campo de Ourique e o do bairro da Estefânia, tal como a conceptualização adoptada no jardim do Alto de Santo Amaro – plantado, tal como o jardim de Campo de Ourique, e posteriormente o da Estefânia, numa das quadrículas do bairro.  
(AH.CML).**

**Apesar de ter sido projectado em 1880, o jardim do bairro de Campo de Ourique começou a ser plantado em 1884**, em virtude do complexo, moroso e dispendioso processo de expropriações. A plantação do jardim prolongar-se-á **até à década de 90 do século XIX**, uma vez que José Maria Espírito Santo Silva, e Firmino Benitez Lopes, proprietários de parte dos terrenos no qual fora projectado o jardim, haviam vendido os mesmos a Francisco Sabido. Foi necessário, no âmbito da continuidade do projecto de plantação do jardim, a expropriação desses terrenos ao novo proprietário.

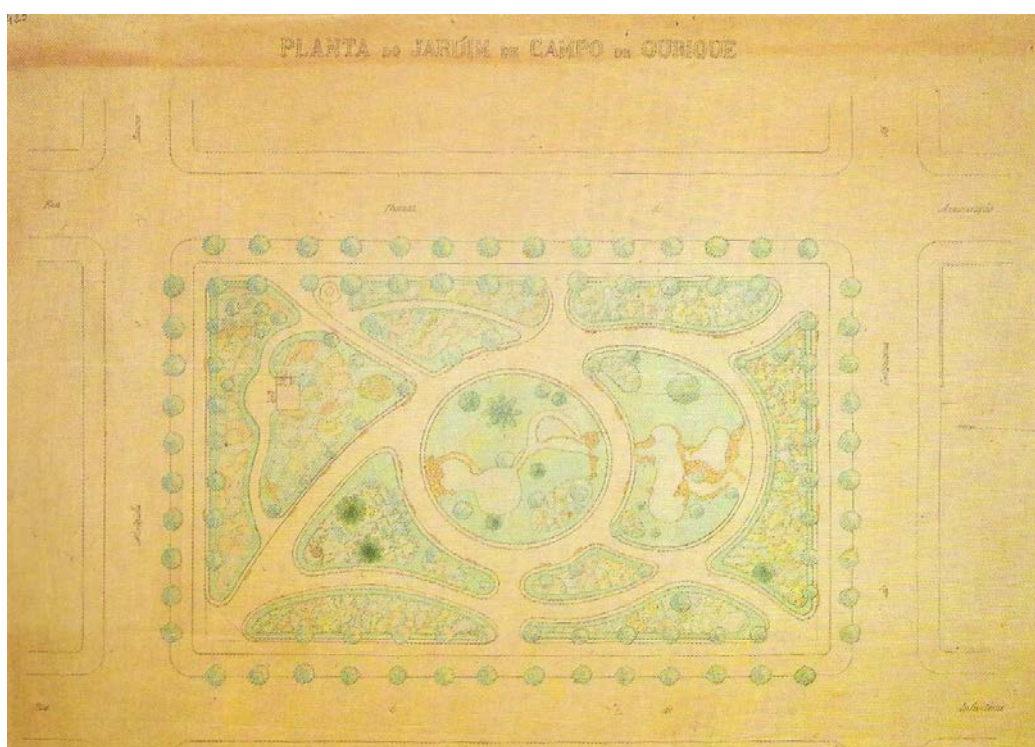
Pouco tempo após o início da plantação, este espaço verde adquiriu a **designação popular de “Jardim da Parada”**. Contrariamente àquilo que se tem vindo a afirmar ao longo dos anos, o (novo) jardim não foi projectado no local onde existira a Parada do Quartel, mas sim, numa pequena área da mesma. Na verdade, a Parada do Quartel, conforme já foi referido, ocupava uma extensa área, a Poente do aquartelamento, estendendo-se entre a Rua Ferreira Borges, a Rua Tomás da Anunciação, a Rua Pereira e Sousa e a Rua de Infantaria 16, conforme se verifica através de um conjunto de plantas do Levantamento da Cidade de Lisboa, da autoria do Eng.º Filipe Folque, datadas de 1857.

Apenas após 1924, e em homenagem ao recentemente falecido Presidente da República Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924), a designação popular deste jardim foi substituída pela designação oficial “Jardim Teófilo Braga”. Também o republicanismo acabava sendo homenageado através da aprovação do

novo topónimo, conservando-se o cariz oitocentista e liberal dos topónimos já aprovados no bairro<sup>7</sup>. A designação popular tem-se, porém, conservado, preservando-se desta forma a memória do passado do campo de ourique.

**Em 1896 o jardim do bairro destacava-se como um dos principais da cidade, figurando nos lugares cimeiros do *Mappa das diferentes superficies dos jardins (...)* da cidade<sup>8</sup>.**

Na *Planta do Jardim de Campo de Ourique*, desenhada na década de 1890, já se encontravam representados os lódão-bastardos (*Celtis australis*) que se alinhavam envolvendo o jardim, formando uma bordadura. Em 2017 foi realizado um levantamento das espécies arbóreas do jardim, que concluiu que os lódãos constituíam a espécie mais abundante, perfazendo o total de 73 indivíduos num total de 103 árvores registadas<sup>9</sup>.



***Planta do Jardim de Campo de Ourique. 189- , autor não identificado (DSEV.CML)***

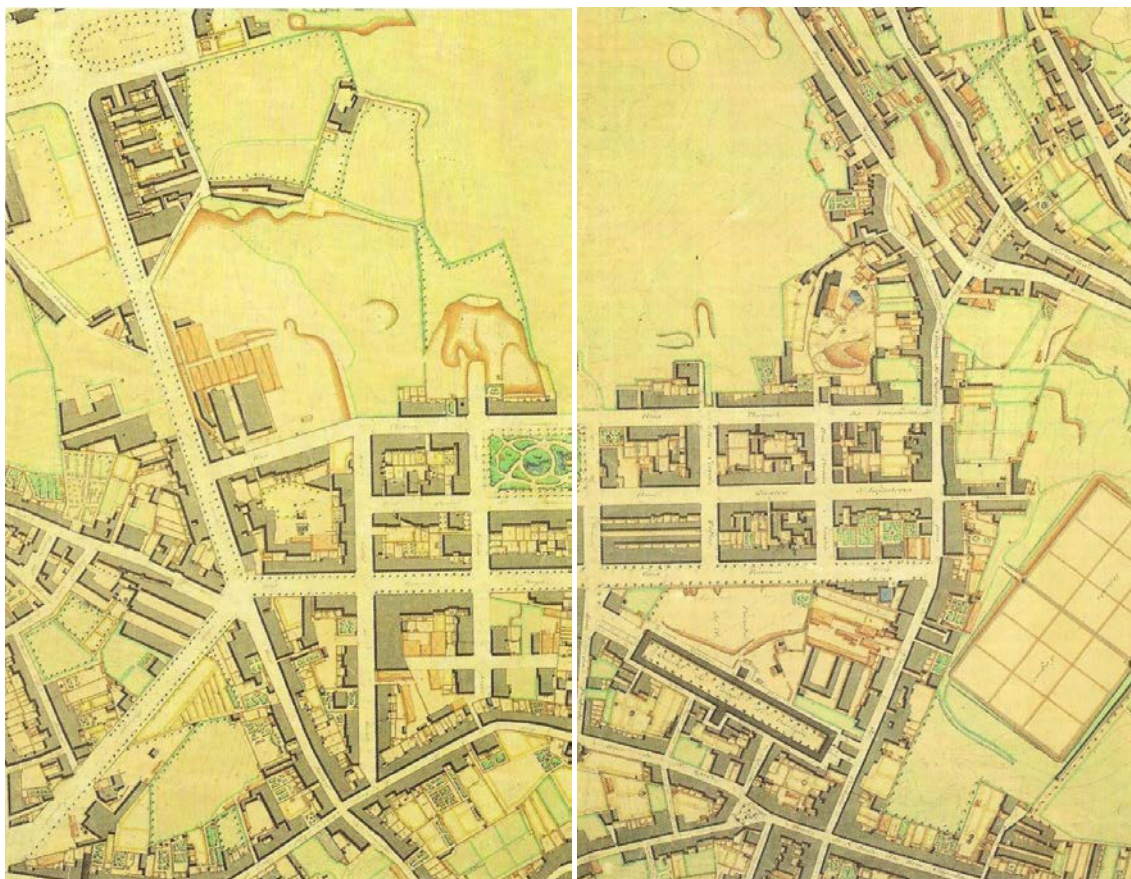
<sup>7</sup> Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924) foi Presidente do I Governo Provisório da República (1910) e o 2º Presidente da República (1915). Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1867), em 1868 concorreu para o cargo de professor da cadeira de Direito Comercial na Academia Politécnica no Porto, em 1871 a lente na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, e no ano seguinte, para lente da cadeira de Literaturas Modernas de Curso Superior de Letras. Neste Curso dedica-se ao estudo da Literatura europeia, nomeadamente de autores positivistas. Em 1878 fundou, com Júlio de Matos a revista *O Positivismo*, e concorreu a deputado às Cortes, integrado nas listas do Partido Republicano Português. Em 1880 colabora na *Era Nova*, e a partir de 1884 passa a dirigir a *Revista de Estudos Livres*. Em 1890 foi eleito membro do Partido Republicano Português, e em 1910 é eleito deputado republicano por Lisboa. Em 1915 substituiu Manuel de Arriaga na Presidência da República, mas apenas durante alguns meses, tendo sido substituído por Bernardino Machado.

<sup>8</sup> *Mappa das diferentes superficies dos jardins em 1896*, CML, Rep. Técnica, 3ª secção, 28 Março 1906, AML-AC, SGO, cx. 27 (1ª). Anexo A, doc. 15.

<sup>9</sup> VIVEIROS: 2017, 50 e 51.



No âmbito da segunda fase do projeção do bairro de Campo de Ourique, foi também notória uma maior preocupação pela **instalação de infraestruturas de serventia pública** no bairro, destacando-se a colocação de candeeiros de iluminação em quatro das ruas do bairro<sup>10</sup>, a colocação de latrinas, chafariz e lavadouro na Rua Ferreira Borges, em 1889<sup>11</sup>, **de um urinol, de tipo francês, no jardim da Parada, em 1898<sup>12</sup>**, desenhados por Augusto César dos Santos, que ao longo da década de 80 e 90, desenvolve também ao serviço da Câmara, um trabalho exemplar na área do mobiliário urbano.



**Levantamento topográfico de Lisboa levantado e desenhado sob a direcção de Júlio da Silva Pinto, CML, 8G (área entre o Largo dos Prazeres e a Rua de São Luís); 8H (área entre a Rua do Arco do Carvalhão e a Rua de São João dos Bemcasados), 1911 (ACML<sup>13</sup>).**

Em 1911, o avanço da abertura do bairro encontrava-se num impasse. Apesar do projecto de 1906 (3ª fase do bairro de Campo de Ourique), ser considerado *um melhoramento importante e indispensável*

<sup>10</sup> *Foram apresentadas as seguintes propostas...* (do Sr. António Júlio Correa Guedes) *para que sejam collocados de 16 a 20 candeeiros de gaz, nas quatro ruas novas do bairro de Campo de Ourique*, in *Actas das sessões da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa*, 8 de Novembro de 1900, pp. 497.

<sup>11</sup> *Projecto para construção de latrinas, chafariz, lavadouro no terreno municipal na Rua Ferreira Borges*, CML, 3ª Rep., SGOP, Augusto César dos Santos, 2 Julho de 1889, AML-AC, UROB-C/06/0526. Anexo A, doc. 14.

<sup>12</sup> *Desenho junto ao officio nº 4989 da 3ª Repartição (...)*, CML, Rep. Técnica, Augusto César dos Santos, 2 de Setembro de 1898. AML-AC, SGOP.

<sup>13</sup> AH.CML. Gav. 18, 18152.

*n'aquelle populoso bairro*<sup>14</sup>, os trabalhos demoravam a concretizar-se por falta de meios técnicos e financeiros por parte da Câmara Municipal. Outras questões como a permanência de explorações como pedreiras e saibreiras no interior do bairro, causavam inúmeros entraves ao avanço dos trabalhos. Foi o caso da **saibreira explorada pela firma Machado & Irmão**, no quarteirão a Poente do jardim, como se pode verificar através do levantamento topográfico da responsabilidade do Eng.º Júlio da Silva Pinto. De acordo com a investigadora Marina Tavares Dias, é possível comprovar o funcionamento desta exploração neste local desde 1860, **acrescentando que as galerias subterrâneas atingiam no início do século cerca de 30 metros de profundidade**<sup>15</sup>.

Ainda assim, na década de 1910, o jardim apresentava já vegetação fulgurante, destacando o quarteirão onde se situava relativamente aos restantes da malha.

### **O Jardim ao longo dos tempos (1900-2022)**

O jardim do bairro de Campo de Ourique foi alvo de algumas alterações ao longo do tempo, sobretudo relacionados com pequenos arranjos paisagísticos, plantação de novas espécies arbóreas e arbustivas, alteração das estruturas do lago, introdução de instalações sanitárias públicas e introdução de um coreto, entre outros. A introdução de estatuária, como a estátua de “Maria da Fonte” foi uma das iniciativas que veio valorizar a ambiência do jardim, acabando por associá-lo a um dos momentos da história nacional.

**A inauguração da estátua “Maria da Fonte”, da autoria de Augusto da Costa Motta (tio), realizou-se a 15 de Setembro de 1920**, tendo contado com a presença do Presidente da República, Teófilo Braga. A inauguração aproveitava a comemoração do centenário do regime liberal em Portugal, e relembra um dos episódios mais significativos no âmbito do reacendimento da luta entre os conservadores miguelistas e os ideais liberais - a revolta da Maria da Fonte.

---

<sup>14</sup> Palavras do conselheiro municipal Carvalho Pessoa no âmbito da apresentação do projecto na Câmara Municipal. *Actas das sessões da Câmara Municipal de Lisboa*, 44ª sessão, 22 de Novembro de 1906, pp. 468.

<sup>15</sup> O acesso de homens e materiais, refere Marina Tavares Dias era realizado através de um pequeno ascensor movido a vapor. DIAS, 2001: 105-106



# O CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1820 EM LISBOA

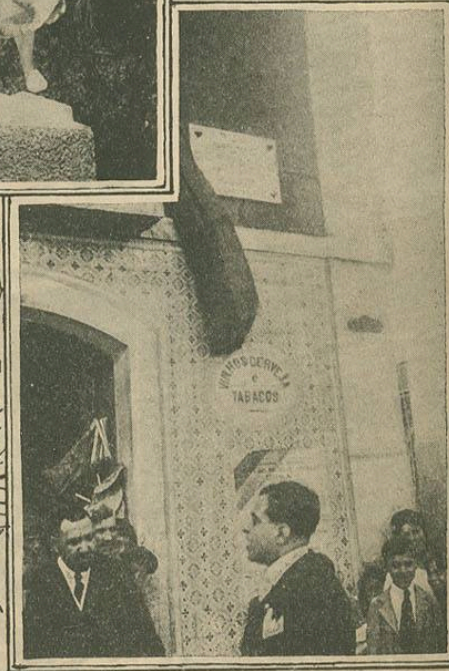
LISBOA comemorou o centenario da revolução de 1820, inaugurando uma estatua á sua heroína Maria da Fonte no jardim de Campo d'Ourique, estatua que é uma obra prima de



A caminho da cerimonia. O sr. dr. Teofilo Braga e os representantes do governo.



Costa Mota (tio), e uma lapide na rua Silva Carvalho, antiga rua de S. Luis. Ambas as cerimoniaes, embora modestas, não deixaram de ser revestidas de uma certa grandeza. A elas assistiram o sr. presidente do ministerio e dr. Teofilo Braga, tendo tambem havido festa nos quartes e musicas nos coretos publicos.



2. O sr. dr. Teofilo Braga e o sr. presidente do ministerio. — 3. A estatua da Maria da Fonte. A inauguração da estatua. — 4. O descerramento da lapide. (Clichés Serra Ribeiro)

Notícia da inauguração da estátua "Maria da Fonte" que homenageia o espírito liberal de uma insurreição ocorrida no Minho em 1846. *Ilustração Portuguesa*, 27 de Setembro de 1920, p. 202 (Hemeroteca Municipal. CML).





**Jardim [do bairro de Campo de Ourique], década de 1920, s/aut.** Na década de 20 do século XX, o passeio ao jardim, como centro nevrálgico do bairro, estava já perfeitamente enraizado como um hábito social, mas também higiénico (AF.CML).



**Aspecto do Jardim Teófilo Braga em Maio de 1931**  
(ANTT. Empresa Pública, *Jornal o Século*, 9 de Maio de 1931).



**Levantamento da cidade de Lisboa. 1950. CML (LXI. Lisboa Interativa).**



**Biblioteca Municipal ao ar livre, Armando Serôdio, 1959. Em destaque na imagem o Cipreste dos Pântanos ou Mexicano (AF.CML).**

A condição do jardim como centro ou palco do bairro volta a ser fortalecida quando constitui o espaço eleito para a instalação de uma das bibliotecas municipais “ao ar livre”. Na década de 1980 foi colocado um coreto no lado Norte do jardim, incentivando-se a organização de eventos culturais num dos principais “palcos” do bairro – o jardim.



A importância e singularidade de algumas das espécies plantadas no jardim valeram-lhe a classificação de quatro árvores: dois *Metrosideros* (*Metrosideros excelsa* Bank ex Gaertn), uma Sequóia (*Sequoia sempervirens*), e um Cipreste-dos-pântanos (ou Cipreste Montezuma/Mexicano) (*Taxodium mucronatum*).

A classificação destes exemplares foi alvo de revisão em 2018<sup>16</sup>, no âmbito da qual foi analisado a sua condição fito-sanitária e imposta uma zona geral de protecção (20 metros) controlando intervenções de diversos tipos num raio de 20 metros para o Cipreste dos pântanos e para ambos os *Metrosideros*<sup>17</sup>.



**Estado do jardim de Campo de Ourique em 2017, com identificação das espécies existentes no mesmo e sua localização**  
(VIVEIROS, 2016, p. 62).

O jardim Teófilo Braga está identificado na Carta Municipal de Património edificado e paisagístico do Plano Director Municipal de Lisboa (PDM), com o nº 35.36.

<sup>16</sup> Despacho (extrato) 8497/2018, de 3 de Setembro, disponível a 2 de Novembro de 2022, em: <<https://dre.tretas.org/dre/3454684/despacho-extrato-8497-2018-de-3-de-setembro>>.

<sup>17</sup> Despacho 8497/2018, de 3 de Setembro, publicado no Diário da República, 2ª série, nº 169, 3 de Setembro de 2018, disponível a 2 de Novembro de 2022, em: <<https://files.dre.pt/2s/2018/09/169000000/2467524676.pdf>>.

## **Considerações finais**

O valor patrimonial do jardim Teófilo Braga está intrinsecamente ligado aos aspectos botânico e paisagístico, valor que acabou por ser reforçado pela classificação de algumas das espécies arbóreas aí existentes. O valor deste jardim reside, no entanto, e em simultâneo, no seu valor histórico e social.

O valor histórico está intimamente ligado ao seu pioneirismo, constituindo-se como um dos primeiros, senão o primeiro jardim, a ser projectado no centro de um bairro residencial. A sua conceptualização, conforme foi referido, foi replicada noutros projectos de jardins, traçados no seio de bairros residenciais.

O valor deste jardim reside também no facto de se manter inalterada a sua concepção original (urbanística e paisagística). Apesar de ter sido alvo de algumas alterações do foro paisagístico, esta concepção nunca foi, porém, desvirtuada.

Tendo sido planeado numa área periférica da cidade, e nunca tendo beneficiado de ligações (vias) directas de ligação ao centro da cidade, o bairro de Campo de Ourique transformou-se num bairro isolado. Neste âmbito, o comércio, que surge logo nas primeiras fases de desenvolvimento do bairro, e em simultâneo, o jardim, desempenharam um papel preponderante na vida quotidiana dos moradores ao longo dos tempos. A dimensão ou valor social do jardim é, neste âmbito, inegável.

Tendo como ponto de partida estes pressupostos, recomenda-se uma reflexão cuidada sobre a instalação da estação de metro no jardim, tal como a instalação temporária dos estaleiros de obra. Prevê-se que estas infraestruturas tenham impacto significativo no espaço, desvirtuando-o em termos da sua concepção paisagística, definida, pelo menos desde 1896, e em termos da sua utilização social. Ainda que a chegada do metro seja decerto uma mais-valia para Campo de Ourique, existirão certamente outras localizações na freguesia, ou freguesias contíguas, cujas características melhor se adequarão à instalação das mencionadas infraestruturas, e onde o impacto causado possa ser significativamente menor

Susana Maia e Silva

15 de Novembro de 2022



## Fontes consultadas

### Fontes primárias

#### Arquivos Nacionais. Torre do Tombo (ANTT)

*Jardim Teófilo Braga*, Empresa Pública, *Jornal o Século*, 9 de Maio de 1931.

#### Arquivo Histórico (CML) (AH.CML)

*Atlas da Carta Topográfica de Lisboa*, dir. Filipe Folque, lev. Carlos Pézerat, Francisco Goullard e César Goullard, Plantas nº 24 (3), 25 (4), 32 (5) e 33 (6), 1857

*Levantamento topográfico de Lisboa levantado e desenhado sob a direcção de Júlio da Silva Pinto*, CML, 1911.

*Mapa das diferentes superfícies dos jardins em 1896*, CML, Rep. Técnica, 3ª secção, 28 Março 1906, SGO, cx. 27 (1ª).

*Planta indicando as novas ruas que devem ser abertas entre as ruas de Campo de Ourique e a do Cemitério Ocidental*, CML, Rep. Técnica, Augusto César dos Santos e Agnelo José Moreira, 15 de Novembro de 1878

*Projecto para dar continuação da rua longitudinal nº1 [Rua Ferreira Borges] do novo bairro a Campo de Ourique*, CML, Rep. Técnica, Augusto César dos Santos, chefe de secção, 1880.

#### Arquivo Fotográfico (CML) (AF.CML)

Espólio de Armando Serôdio

#### Direcção dos Serviços dos Espaços Verdes (DSEFV.CML)

*Planta do Jardim de Campo de Ourique*. 189- , s/a.

#### Hemeroteca Municipal (HM.CML)

*Ilustração Portuguesa*, 27 de Setembro de 1920.

#### Museu de Lisboa (CML) (ML.CML)

*Campo de Ourique (Aguarela)*, s/a, século XIX.

### Fontes impressas

#### Bibliografia

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1967), Depois do Terramoto, *Subsídios para a História dos bairros ocidentais de Lisboa*, vol. IV, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Associação dos Arqueólogos Portugueses.

## Dissertações de Mestrado, Teses de Doutoramento e outros trabalhos académicos

DINIZ, Susana Maia e Silva (2014), *O projecto urbanístico do bairro de Campo de Ourique: projectos e actuações. 1878-1958*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa: FCSH-UNL.

VIEIRA, Paula Pinto (1999), *Os Cemitérios de Lisboa no século XIX – Pensar e Construir o novo palco da Memória*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa: FCSH, UNL, 2 vols.

VIVEIROS, Raquel Ribeiro (2017), *A influência da vegetação em pequenos espaços verdes na mitigação do efeito ilha de calor urbano em Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente, defendida na FCT-UNL, disponível a 6 de Novembro de 2022, em: <[https://run.unl.pt/bitstream/10362/22175/1/Viveiros\\_2017.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/22175/1/Viveiros_2017.pdf)>.

## Legislação

Despacho (extrato) 8497/2018, de 3 de Setembro, disponível a 2 de Novembro de 2022, em: <<https://dre.tretas.org/dre/3454684/despacho-extrato-8497-2018-de-3-de-setembro>>

Despacho 8497/2018, de 3 de Setembro, publicado no Diário da República, 2ª série, nº 169, 3 de Setembro de 2018, disponível a 2 de Novembro de 2022, em: <<https://files.dre.pt/2s/2018/09/169000000/2467524676.pdf>>.

## Outras bases de dados e arquivos

LXI. Lisboa Interactiva (website).

Câmara Municipal de Lisboa (website).

## Nota biográfica

### Susana Maia e Silva

Licenciada em História, variante História da Arte, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1998) e Mestre em História da Arte Contemporânea, na vertente do Urbanismo (2014), pela mesma instituição, com a defesa da dissertação intitulada «O bairro de Campo de Ourique: projetos e atuações (1878-1958)». Desenvolve, desde 2005, um projeto dedicado ao estudo, preservação e divulgação da história da freguesia de Campo de Ourique, integrado na história da cidade de Lisboa. Realizou, neste âmbito, em colaboração com diversas entidades públicas e privadas, estudos sobre o património edificado na freguesia, e apresenta, com regularidade, comunicações que versam temáticas sobre a história e património de Campo de Ourique. Entre outras iniciativas, organiza passeios guiados, através dos quais se dá a conhecer diversos aspetos da história de Campo de Ourique. Trabalha desde 2018 como Historiadora e Coordenadora de projectos na empresa Conservation Practice, consultora especializada em património edificado.